

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 43 - 10 DE AGOSTO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS - PREÇO 1\$00

10/8/1936



Sonia
Henric

Neste número: O amor na tela



Merle Oberon deito o anzol, o ver se o peixe morde...

Portugal obteve um 2.º prêmio, no Concurso Internacional de Filmes de Amadores

BERLIM, 5 Agosto — T. — Portugal obteve, no Concurso Internacional de Filmes de Amadores, o 2.º prêmio, na categoria de «Filmes de «marionettes» e de desenhos animados em concorrência com 12 nações. O filme premiado foi «Sonho Infantil», de Fernando Ponte e Sousa, e mereceu aos assistentes os maiores encômios. O Delegado de Portugal, sr. dr. António de Meneses, foi escolhido para a comissão de quatro membros, que regula, internacionalmente, tôdas as questões de honra e de disciplina, no meio internacional do cinema de amadores. — (Especial).

N. da R. — A hora tardia a que recebemos este telegrama, justamente no momento em que fechamos o nosso jornal, impede-nos de nos alongarmos nos comentários que a notícia, pelo que tem de honroso para o Cinema de Amadores de Portugal, amplamente justifica. Queremos, no entanto, sublinhar o que representa um triunfo desta ordem,

uma competição internacional com os melhores âses da câmara de formato reduzido e felicitar vivamente o sr. F. Ponte e Sousa e o sr. dr. António de Meneses, pelas distinções de que foram objecto, e que são a consequência lógica da posição que souberam marcar, dentro e além fronteiras, nos domínios do Cinema de Amadores.

CHARLES LAUGHTON, O DETESTADO

Charles Laughton, o mais «delestando» de todos os astros da tela... quer desempenhar agora um papel de galã!

«Estou certo de que o público se surpreenderá ao saber que nunca recebi mais de 12 cartas por semana, desde que sou astro do cinema», disse o actor, num momento de descanso durante um

intervalo de «Rembrandt», que está filmando para a London.

«Com a estreia de «As Virgens de Wimpole Street», como encarar uma figura repugnante, a minha correspondência sofreu uma baixa espantosa... Passou muito tempo sem que recebesse uma só carta.

Depois desempenhei um papel em «O último escravo» e um verdadeiro dilúvio de cartas caiu sobre mim... Um

duzentas diárias, o que me parecia extraordinário!

A seguir o do capitão Blight, de «Revolta a Bordo». Passaram-se outra vez, dias e mais dias sem que ninguém me escrevesse. Tudo ao teatro, certa noite, tive ocasião de ouvir pessoalmente o público a assobiar-me, cada vez que eu aparecia na tela!...

Contudo, não me queixo. Gosto de representar papéis variados. Todos os actores lemem que lhes dêem sempre papéis semelhantes. Até agora, eu não tive preocupações. Cada personagem que representei foi completamente diferente do anterior».

Orquídeas parasitas

Um dia, certo admirador de certa vedeta, presentou-a com um riquíssimo ramo de orquídeas. A vedeta, à força de receber flores, tornou-se perita em assuntos de botânica. E fez notar que as orquídeas são plantas parasitas:

— Crescem, nos trópicos, sobre os troncos das árvores.

A criada grave parece estupefacta com as revelações. Contempla as orquídeas com um respeito crescente:

— Até admira, sendo parasitas, custarem assim tão caras.

Há «parasitas» que custam fortunas!

QUANTO MEDEM AS VEDETAS!

Quanto medem as vedetas? Qual o seu peso. Vejamos, nos números abaixo, algumas surpresas:

Katharine Hepburn: 1^m,70 — 60 q.
Greta Garbo: 1^m,65 — 60 q.
Martène Dietrich: 1^m,62 — 58 q.
Kay Francis: 1^m,62 — 56 q.
Irene Dunne: 1^m,62 — 56 q.
Ginger Rogers — 1^m,62 — 55 q.
Claudette Colbert — 1^m,62 — 52 q.
Mae West: 1^m,61 — 59 q.
Joan Crawford: 1^m,61 — 57 q.
Jean Harlow: 1^m,55 — 50 q.
Norma Shearer: 1^m,52 — 52 q.
Janel Gaynor: 1^m,50 — 50 q.
Merle Oberon: 1^m,61 — 55 q.
Silvia Sydney: 1^m,61 52 q.
Dolores del Río: 1^m,60 — 54 q.
Jean Parker: 1^m,57 — 52 q.
Carole Lombard: 1^m,55 — 52 q.
Virginia Bruce: 1^m,65 — 60 q.
Elizabeth Allan: 1^m,65 — 58 q.
Rochelle Hudson: 1^m,61 48 q.
Mary Carlisle: 1^m,52 — 48 q.

Ambições

Durante as filmagens de *Le Miroche*, um jornalista francês, perguntou às 40 raparigas que desempenham o papel de pensionistas duma Instituição de Ensino, o seguinte: «Se não trabalhassem no cinema, o que é que gostaríam de fazer?»

A maioria das «interrogadas» fazem a sua estreia na tela, neste filme. A mais velha conta uma vintena de Primavera.

Eis como se pode estabelecer a lista das suas ambições: 14 queriam ser bailarinas; 9 dariam tudo para fazer medicina; 2 pela defesa dos fracos e dos oprimidos; 2 pelo Comércio (indefinido); 2 aborariam corajosamente a «mise-en-scène»; 2 contentar-se-iam com o ser boas mães de família (ainda estão a tempo!); 3 confessaram-se indecisas e a última, a mais nova declarou que gostaria de sem campeã olímpica.

O cinema e o desporto

Entre as fotografias que nos enviam as grandes casas americanas, produtoras de filmes, encontram-se inúmeras em que os artistas estão munidos de apetrechos próprios para a prática de desportos. Mas entre as fotografias enviadas pelas grandes casas europeias produtoras de filmes?...

Em Portugal praticam-se desportos para vencer, para ganhar, para ultrapassar. Ora esta finalidade que se procura é errônea. Isto é ser furioso. O desporto vale como meio de desenvolvimento e de fortalecimento, simultaneamente com a conservação e criação de elegância e esbelleza. «Le sport! Il est jeunesse, beauté, simplicité de formes et lignes». É assim que vem o problema a grande maioria dos americanos.

* * *

A prática de desportos origina naturalidade de atitudes. A naturalidade não será uma das melhores qualidades do actor de cinema?

* * *

Já repararam que Ramon Novarro é dos artistas que tem, nas suas películas, praticado mais variados desportos?

Já repararam também que os desportos que apresenta não são a razão do filme, mas sim um caso accidental? Não será este facto uma confirmação do que dissemos num dos primeiros «suellos»?

* * *

Mas a prática dos desportos não será uma moda, uma mania? Não, é uma necessidade do homem que vê nele um antidoto contra o deffinamento progressivo de geração para geração.

A vida ao ar livre e desportiva é, entre os americanos, quasi religião. Quanto mais novos mais entusiastas. Eddie Quillan é dos mais pequenos e portado dos artistas de Hollywood que mais adoram os desportos.



Rochelle Hudson, a companheira favorita de Shirley Temple



Rosina Lawrence toma um banho de sol, como aperitivo para o banho

Factor "Sorte" na vida dos artistas de cinema

O triunfar na vida não está ligado a dezenas de factores. Dêstes, um dos principais não é menos a «sorte». Pessoas há, de valor real, positivo, que passam pelo mundo, desconhecidas e ignoradas. Encafuadas num escritório, numa repartição ou numa oficina, ninguém atenta nelas, nem na sua inteligência, nem nas suas possibilidades. São, por assim dizer, partículas inaproveitadas: da engrenagem mostra que nos rodeia e que, por vezes, sádicamente, nos esmaga.

Evidentemente que, em contra-partida, muitos há sem valor e sem qualidades que conseguem, acotovelando, como num cortejo, os parceiros, ocupar as primeiras filas. São os arrivistas. Fauna curiosa que tende a desaparecer como o «*pithecanthropus erectus*» e outros animais anti-diluvianos desapareceram da superfície da terra.

Outros, porém, e aqui influi poderosamente o factor «sorte», conseguem romper o anonimato em que estão mergulhados, e demonstrar, com brilhantismo e sem encontros, o que valem e do que são capazes.

No cinema acontece precisamente o mesmo. Figurantes há que, embora talentosos, jamais emergem da massa anónima que os compõe. Outros, mais felizes, obtêm a dita de despertar a atenção do realizador ou de qualquer dos seus apaniguados e, de um momento para o outro, vêem-se alcandorados e a caminho da glória. Muitos mesmo, embora com alguns filmes no activo em papéis de primeira plana, só alcançam o autêntico êxito aquele que brada aos céus, em determinada película que o público consagrou definitivamente.

Assim, Cary Grant, considera «*Sylvia Scarlett*», em que actua ao lado de *Katharine Hepburn*, como o filme que melhor o classificou perante as plateias cinéfilas de todo o mundo.

Victor MacLaglen, esse, atingiu o máximo no «*Denunciante*». Foi neste filme que a sua forte personalidade se definiu como a de um grande e admirável actor. *Claudette Colbert* teve, a par de *Clark Gable*, o seu filme de «sorte» em «*Uma noite aconteceu*», milagre do cinema americano. *Marlene Dietrich*, por sua vez, deixou no «*Anjo Azul*» uma recordação inolvidável para quantos frequentam os cinemas e admiram a encantadora «protégida» de *Joseph von Sternberg*.

Carole Lombard que, de há muito, era «estrela», culminou a sua carreira em «*Século XX*». E, assim, muitos actores aguardam, com impaciência, aliás natural, porque decisivo, o seu filme de «sorte»...

*
* *

Outro aspecto da «sorte» no cinema reside no facto de alguns dos seus principais ornamentos surgirem na tela sem que eles próprios nisso pensassem. Um dia, numa hora de «sorte», o acaso proporcionou-lhes entrar em contacto com a metrópole do cinema, e assim se iniciaram tantíssimas carreiras.

Por exemplo, *Mãe West*, desde os cinco anos que se dedicava à dança e ao teatro. Neste, cultivou, principalmente, as comédias musicadas e o «vaudeville». Depois, a *Paramount* «descobriu-a», e hoje é o que se sabe...

Wallace Beery era artista de circo (quem duvida que fosse este pormenor que lhe permitiu actuar com tanto talento e rigorismo em «*O garoto do circo*»? *Gary Cooper* empregava-se a asfaltar ruas. *Bing Crosby* era um dos executantes da célebre orquestra de *Paul Whitman*, e *W. C. Fields* um comediante.

Que será mais necessário para demonstrar que, para triunfar, é indispensável, a par de talento, quando o há, e da «cunha» quando o não há, um pouquinho de «sorte»?

Os filmes americanos na Bienal de Veneza

Demos já a lista dos filmes franceses que o Governo elaborou para representar a França na Bienal de Veneza. Digamos, de passagem, que se tem levantado um coro de protestos na imprensa da especialidade, sobretudo por haverem sido excluídos filmes como a *Quermesse Heroica*, *Sept Hommes*, *Tarass Boulba*, *Aux jardins de Murcie*, *Sous les yeux de l'occident*, etc.

Ignora-se ainda, em definitivo, a relação dos filmes americanos que vão ser enviados para disputar a Taça Mussolini. No entanto, sabe-se já que a «*Twentieth Century-Fox*» concorre com *Sob Duas Bandeiras* e *Mensagem a Garcia*, a *R. K. O.* com *Maria da Escócia*, a *Warner* com *A vida de Pasteur*.

DISNEY CONTRATA MAIS DESENHADORES

Walt Disney tendo tornado público que desejava contratar 30 desenhadores, recebeu, num só dia, mais de 6.000 propostas. Nos seus estúdios trabalham cerca de 300 artistas.



Leslie Howard e Norma Shearer — ou Romeu e Julieta, d

Sinistro subconsciente...

Si no é vero...

Conta-se que *Marlene Dietrich* convidou certa tarde, para o chá, o popularíssimo *Jimmy Durante*.

Antes d'ele chegar, a actriz fez um sermão a sua filha, cuja «franqueza» lemia: «Sabes que é muito feio notar os defeitos das pessoas, sobretudo a frente delas. Se achares o nariz do sr. Durante um pouco diferente dos narizes vulgares, não digas palavras!» miuda prometeu estar muda como um passarinho...

Durante o chá, *Marlene* não deixou um instante de ter os seus olhos cravados nos da pequerrucha, que estava visivelmente impressionada com o apêndice nasal de *Jimmy*.

Finalmente a pequenita retirou-se para o jardim. *Marlene* teve um suspiro de alívio. E virando-se para *Jimmy* perguntou-lhe:

— Quere que deite um pouco de leite no seu... nariz?...

A sua preocupação traíra-a!

A FALENCIA DA PATHÉ-NATAN

Os tribunais de Paris confirmaram a falência da casa *Pathé-Natan*.

Sinais dos tempos

Numa sala de Paris, podia ler-se, recentemente, o seguinte aviso:

«Por motivo de força maior — Mudança de programa! Em lugar de *A nous la liberté* damos *Sous la terre*».

Aqui está uma metamorfose que não deixa de ser simbólica.

Uma nova sala de actualidades

Em Moscovo, acaba de se abrir uma nova sala de actualidades. Numa dependência especial, podem ouvir-se, por intermédio da rádio, as notícias mais recentes. O novo cinema está aberto das 11 da manhã à 1 da madrugada e dá 22 sessões diárias.

COMO SE REALIZOU A "REVOLTA A BORDO,"

DOIS anos de intensas pesquisas precederam a produção de *Revolta a Bordo*, o famoso filme a que a Academia de Artes e Ciências de Hollywood atribuiu o título de «o melhor do ano».

Desde que a Metro resolveu transportar para a tela o histórico motim, Irving G. Thalberg, produtor do filme, insistiu em que todos os pormenores fôsem autênticos e de acordo com a época em que se desenvolveram.

O primeiro passo foi solicitar o auxílio do Almirantado inglês, que acedeu de bom grado. Hábeis empregados desse departamento cooperaram, com entusiasmo, na pesquisa os velhos planos do Veleiro «Bounty», dos quais foram tiradas cópias para serem enviadas aos estúdios da Metro.

Sob a direcção do Dr. Leslie Holson, que conhece perfeitamente o que existe no Museu Britânico, peritos empregados copiaram fielmente, até os mais insignificantes objectos que pertenceram a corveta.

Também foram tiradas cópias fotográficas de cada uma das páginas de informações sobre o conselho de guerra que julgou os amotinados, informações escritas à mão, em artísticas laminas de cobre.

Além de se procurar dados genuínos sobre a corveta, examinou-se uma infinidade de colecções de gravuras da época, à procura de alguma do Capitão Bligh ou dos outros membros da sua amotinada tripulação. As livrarias foram esquadrihadas, a fim de se reunirem livros com ilustrações do porto de Portsmouth em 1787, dados de outros apóses que estavam ali encorados ao mesmo tempo que o «Bounty» — tais como o «Pandora», o «Duke», o «Illustrious» — e também dados acerca do vestuário, utensílios caseiros, tradições do Natal, cenas do porto, etc.

Detalhe por detalhe, chegou a ser formada uma original colecção que foi enviada a Hollywood, onde, logo que chegou, os encarregados trataram de reproduzir o «Bounty» e o «Pandora», e desenharam o vestuário e construíram cenários.

Devido a essa intensa pesquisa, ocorreram alguns incidentes originais. Por exemplo, o director Frank Lloyd descobriu em certa livraria de Londres um livro que continha o texto completo dos regulamentos do Almirantado Inglês no século XVIII. Esse livro foi publicado em 1757 e prestou um serviço valioso no tremamento da tripulação que apareceu no filme.

Em «Revolta a Bordo», Charles Laughton usa uma vestimenta autêntica que foi confeccionada pela Alfaiataria Gieves, a mesma loja onde o verdadeiro capitão Bligh mandava fazer lóda a sua roupa.

Quando Laughton esteve em Londres, viu, na porta de uma loja, o nome «Gieves». Lembrou-se imediatamente de ter lido esse nome na biografia do capitão Bligh. Entrou na loja, mais por brincadeira do que por qualquer outra coisa, e perguntou:

— Por acaso confeccionaram aqui os uniformes do meu velho amigo William Bligh?

— O sr. recorda-se da data? perguntou o empregado.

— Há uns cento e cinquenta anos, respondeu, sorrindo, o grande actor inglês.

— Procurarei nos livros, disse o empregado. E entrou no escritório.

Alguns minutos depois, voltou dizendo a Laughton que, efectivamente, aquela casa havia confeccionado as roupas do capitão Bligh, havia 150 anos — e o actor os modelos originais detalhando todos os detalhes e todos os ho-

fazer então um du-

plificado do uniforme original, das bolas, do chapéu de três bicos e da espada com punho de ouro, e trouxe tudo isto para Hollywood, para usar no filme.

Os uniformes, conforme Nathalie Bucknall, chefe do departamento de investigações da Metro, apresentaram os mais complicados problemas.

Foi necessário confeccionar seiscentos

uniformes para as personagens principais e marinheiros, e roubas para três mil nativos das ilhas da Oceania.

Foi muito difícil copiar os uniformes para a tripulação do «Bounty», pois se ter descoberto que os uniformes que os membros da Armada usavam naquela época não podiam ser propriamente chamados de uniformes. Os marinha-

ros e os oficiais dos navios de guerra ingleses vestiam-se naquela ocasião de acordo com o capricho do comandante de cada navio.

Os uniformes não ostentavam galões para indicar o posto que tinham, como é costume agora. Os uniformes que os oficiais de diferentes postos usavam, eram diferentes até nos forros. Por exemplo, o uniforme do comandante do «Bounty» era forrado de branco e do primeiro oficial, de preto.

Depois de varias semanas de desespero, foi encontrado um antigo livro, «The British Fleets», de autoria do comandante Charles Robinson, que deu a chave para resolver o problema dos uniformes. Este livro contém, em eslampe pequenas, a fotografia dos uniformes de cada um dos oficiais do «Bounty». Assim pois, foram tiradas cópias que depois de ampliadas serviram para fazer os desenhos.

«Como resultado deste feliz achado», disse o director Lloyd, «estamos certos de que os uniformes que aparecem em «Mutiny on the Bounty» são autênticos.

«Outra coisa que descobrimos foi que apesar dos soldados do exercito fazerem continência aos seus superiores, os marinheiros não usavam essa forma de saudação. Os marinheiros, em vez de saídar como agora, costumavam tirar o chapéu em presença dos oficiais. A saudação não era do regulamento na Armada Inglesa até que a Rainha Vitória publicou tal ordem em 1890.

Outro resultado das investigações levadas a efeito foi que na época do «Bounty», os soldados e marinheiros ingleses que usavam bigode... Naquela época os bigodes eram só populares na Alemanha. Assim Clark Gable, Henry Stephenson, Donald Crisp e outros actores do elenco, tiveram que rapar os seus famosos bigodes.

Quando tudo estava pronto para se filmar certa cena, apresentou-se o problema de saber se o auditor da Marinha usava ou não cabeleira empoadada, para exercer as suas funções, diante do Conselho de Guerra. Foi necessário suspender a cena e enviar um cabograma à Inglaterra pedindo informações. Na mesma tarde, recebeu-se a resposta do Almirantado Britânico, dizendo que naquele tempo não se usavam cabeleiras.

Alguns outros problemas foram resolvidos acidentalmente. O mais importante de todos foi saber o paradeiro dos livros originais de bordo do capitão Bligh.

Por espaço de dois anos o director Frank Lloyd procurou o livro sem êxito algum. Enquanto se filmavam em Tahiti os episódios que se passam na Oceania, Lloyd e um dos autores do livro, James Norman Hall, falavam a respeito do livro no Hotel Blue Lagoon, em Papeete.

De repente uma senhora baixa, de cabelos grisalhos, acercou-se do director Lloyd. Da sua mesa tinha ouvido a conversa e queria informar-lhe que ela era a encarregada da biblioteca Mitchell, em Sydney, Austrália... onde estava guardado o mencionado livro.

E como prova disso, a encarregada da biblioteca enviou cópias fotografadas das páginas originais ao director Lloyd quando este voltou a Hollywood.

Outro problema que contrariou o director Lloyd foi a aquisição do texto das orações marítimas, que todos os capitães costumam recitar na presença dos seus tripulantes quando empreendiam uma viagem perigosa. Depois de dois meses de intensa busca, o original livro de orações foi encontrado na Biblioteca de «Rich. Houghton, Liverpool, 1793».

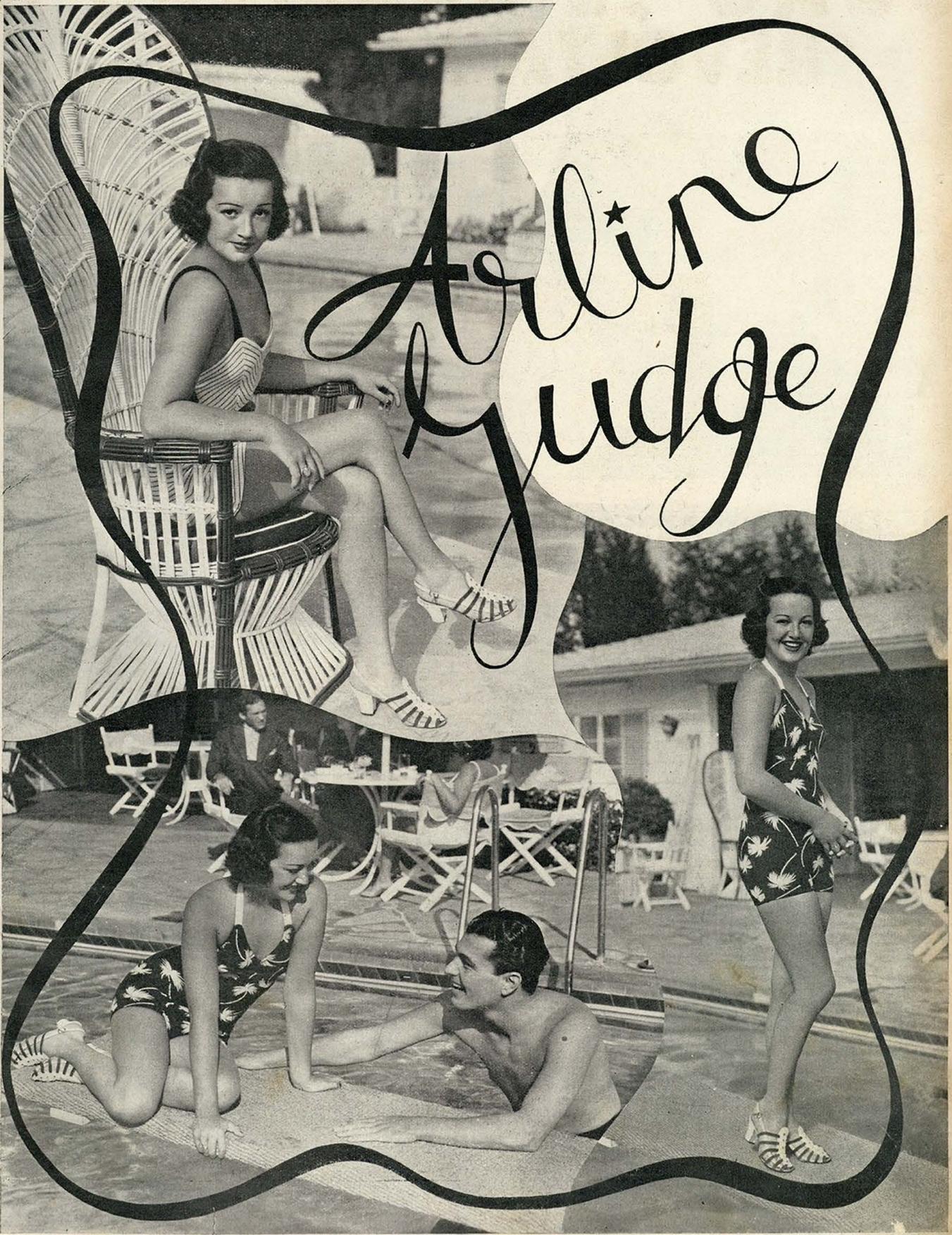
O raro livro foi adquirido e o director Lloyd passou-o a Laughton para que decorasse a oração que tinha nada menos de 300 palavras.

Laughton nem chegou a abrir o livro, pois sabia de cor e saltado a oração e recitou-a ao director!



Shirley Ross, uma nova bailarina que fugiu para Hollywood

Arline Hodge





A QUIROMÂNCIA

Último flagelo de Hollywood

A imaginação humana excede-se. A série de suplicios a que estão sujeitos os actores de cinema mais populares se não é matematicamente infinita é pelo menos infinitamente fantástica.

Além das centenas de fotografias diferentes que mensalmente tiram, dos milhares de cartas que recebem, dos inúmeros autógrafos que enviam, das mais estranhas e insignificantes ofertas que lhes mandam, dos mais exóticos pedidos que lhes fazem, dos convites que recebem e tantas e tantas outras respeitáveis maçadas tiveram que ir pisar e rabiscar a assinatura na entrada do célebre Chinese quando na altura da sua construção, o cimento ainda estava fresco, para assim agradarem aos importantes senhores industriais do cinema americano; têm que escrever (ou mandar escrever) artigos sobre mil e uma ridicularias como sejam os alimentos preferidos, as cores que mais lhes agradam, o animal de que mais gostam e outras banalidades semelhantes que devem envergonhar os que possuem realmente talento e um bocadinho de pundonor; têm que deixar certo género de revistas manter secções para certo género de leitores que bisbilhoticamente querem saber a altura do actor A, a cor dos olhos da actriz B, a terra natal do C, quanto ganha o D e muitas outras perguntas doentias que nada têm que ver com o cinema e fizeram o descrédito da palavra *cinéfilo*: todas estas informações mais ou menos falsas com que exploram e alimentam o baixo sentido dumha parte do público têm que ser olhadas com simpatia pelas celebridades da tela; e o pior, é que não são só as notícias erradas e mentirosas sobre estas futilidades — felizmente que a febre vai passando — mas às vezes o caso dá para «artigo sensacional» sobre a vida íntima e modo de viver, e eles lá

têm que continuar de cara alegre e deixar que se inventem lódas as pantoniças género detectives em torno da casa da Shirley e instalações eléctricas complicadas fulminam todo aquele que entrar no jardim da vivenda dessa menina demasiadamente prodigiosa.

Quando vão à estreia dum filme são obrigados, no «hall», a ir ao micro dizer meia dúzia de trêtas e o pobre Chaplin ainda há pouco teve que andar na Inglaterra às costas de não sei quantos desconhecidos que o encarrapitaram nos ombros, quer ele quisesse quer não.

Já não falo nos bigodes e pernas que são obrigados a deixar crescer ou rapar nem tam pouco no péso que devem possuir para encarnar esta ou aquela personagem; não necessito recordar os suplicios de certas «maquillages», a intensidade da luz e o calor que sofrem sob os potentísimos reflectores que enxameiam os estúdios nem tam pouco a perda de vontade própria a que os dirigentes dos filmes os obrigam.

Não era preciso falar em tanto — e muito menos no muito que ainda falta — para concordarmos que as celebridades do mundo cinematográfico são, de certo modo, dignos de compaixão.

Pois calculem que agora está muito em moda uma nova chinesice.

Não julguem que são os exames grafológicos aos escritos das estrelas. Estes já passaram de moda. Agora é leitura da «buena dicha», debaixo dum nome pomposo: «quiromancia». Nas praças, feiras e romarias é frequente aparecerem-nos as cigantitas que nos presseguem insistindo demasiadamente que lhes estendamos a mão para lerem «o passado, o presente e o futuro». Depois levam os dez tostões e ficamos tranqüilos.

Mas com as vedetas não acontece o mesmo; tudo será divulgado pela imprensa: fotografia das mãos com as linhas avivadas e o correspondente exa-

me interpretativo. Como devem calcular não percebeo nada desta «ciência» que tem uma boa dose de ridículo. Vou vender como comprei, átilude de curiosidade, e pedindo-vos sinceramente para que não comeceis a solicitar-nos mais exames semelhantes, pois seria uma inferioridade da vossa parte.

Está na berlinda o senhor Clark Gable. Para perceberdes alguma coisa deveis acompanhar a leitura da prosa com o exame da gravura em que estão reproduzidas as mãos do «mártir».

Vamos então começar: A mão esquerda, pelos sulcos profundos e pelas linhas tortuosas indica-nos que lhe estava destinada uma vida mais variada e tempestuosa do que tem vivido. Os dedos desta mão, mais afilados do que os da direita, dizem-nos possuir ideais e aspirações irrealizáveis. A mão direita, no entanto, tem uma forma que se coaduna com a vida real do actor americano e a cruz sobre o monte de Saturno presagia aventuras e uma existência agitada. Debaixo do dedo mínimo está bem delineado o monte de Marte que nos revela um espírito empreendedor, cheio de iniciativa e com grande poder de resistência.

A avaliar pelas pequenas curvas que se notam na linha da Vida a meninice de Clark Gable foi difícil e complicada. Mais tarde teve um grande desgozo moral (segundo nos revela uma curva pequena nas acentuadas da linha da Vida) em que tiveram interferência três mulheres (representadas pelos três sulcos de tamanho diferente no monte de Vénus) salvando-o todavia uma quarta mulher, representada pelo quarto sulco que tem características especiais que nos indicam uma «interferência benéfica».

A cruz sobre a linha do coração anuncia um desastre e as restantes cruzes e a estrela anunciam perigos no mar.

A linha da Vida, larga e fortemente verificada, afirma que não tem necessidade de se preocupar com o futuro pois este ser-lhe-á repleto de felicidades.

Essa dupla linha da Vida, que surge a meio da palma da mão e se une por quadrados à linha principal indica que deve ter uma influência importante em vários meios.

A linha do coração, nitida e profunda, fala-nos de grandes paixões que deve inspirar. Gable ama com o coração e com a cabeça segundo se vê pelas curvas suaves com que estas duas linhas se aproximam.

A linha do Destino indica exactamente o que tem sucedido a Clark Gable: sucessos sobre sucessos. Interrompidos por vezes, voltam com o mesmo vigor e entusiasmo, e isto revela a energia e a esperança com que sabe lutar contra os contratamentos da vida.

A linha do Destino termina abrindo-se em duas no monte de Saturno — o que quer dizer que no final da sua larga e triunfante carreira artística um novo interesse (possivelmente científico) virá introduzir-se-lhe na vida.

Eis o que nos dizem sobre a sina de Clark Gable.

Diga-se a verdade que este estudo um tanto ou quanto geométrico não é tam antipático o de Sylvia Sydney. A geometria na simpática Sylvia foi aplicada com muito mais vigor.

Calculem que descobriram umas medidas clássicas da beleza e da perfeição e lembraram-se de as aplicar ao rosto de Sylvia Sydney.

Ei-las:

1) A altura do rosto deve ser três vezes a altura do nariz.

2) A distância dum olho ao outro é igual à largura destes.

3) O lábio superior e inferior são de idêntica grossura.

4) Sobrancelhas simétricas que se devem formar no prolongamento da linha do nariz.

5) A distância entre a pálpebra inferior e a superior deve ser igual à distância que vai da pálpebra superior à sobrancelha.

Estas coisas fúteis e ridículas são muito americanas, embora os americanos não se importem com o ridículo e sejam raras vezes fúteis, debaixo de certos pontos de vista.

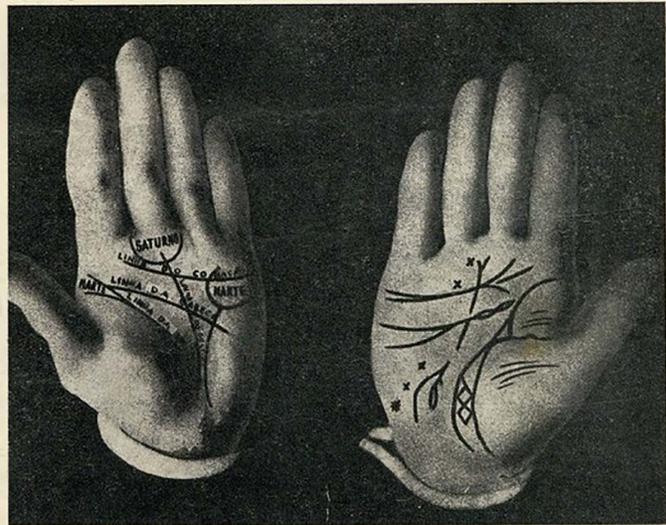
Mas quando se lembram de revelar a sina de cada um apetece mesmo lembrar-lhe aquela célebre piada de Xaudaró que publicou no *Blanco e Negro* poucos meses antes de morrer. Deviam ser uns oito desenhos — com aquelas características notáveis dos desenhos de Xaudaró — em que a mulher miserável ia contando a sua desdita com a mão bem espalmada. Falava dos filhos, do marido, morto na guerra, da tuberculose do hospital e cada vez com a mão mais próxima do senhor magro para ver se recebia qualquer esmola. Este finalmente responde-lhe deixando de fitar a mão: «Señora! Todo esto es verdad! Pero no desespere. Por fortuna, veo aqui una raya vertical bien acusada que indica una «erencia inesperada!».

O último desenho mostra-nos a mulherzinha perplexa, sem compreender palavra. Mas nesta altura o tal senhor remata:

«Soy profesor de alta quiromancia!... e seguiu descansadamente o seu caminho sem dar a mais pequena esmola à mulher, mas muito convencido que prestara um enorme serviço.

...E quem sabe? Talvez. «Divinatio ex manuum lineis»...

TAVARES FERNANDES



As mãos de Clark Gable, dizem...



FILATELISMO

CINÉFILO

... No dia em que as diversas nações adoptarem as efígies das vedetas, para os selos postais

Imediatamente se veriam os representantes dos correios e as «estrélas» a regatear: — É uma formidável propaganda, dizia um. — Pois sim, acrescentava a outra, mas toda a gente cospe nas minhas costas.

dúvidas possíveis: Greta Garbo, adoptando, para melhor efeito, uma fotografia de «Rainha Cristina».

Anna Sten, dos olhos tristes, onde se sente a alma melancólica da estepe intensa, não devia, também, ter concorrentes para a representação da Rússia. E, se Silvia Sidney em «Madame Butterfly», ou Annabella na «Batalha», fossem cedidas ao Japão, o império do sol nascente tinha dos mais bonitos, e também dos mais procurados, selos do Mundo. Quem se recordar do «Tabu» e «Sombras Brancas», quem vir, na próxima temporada, o «Ultimo Pagão», compreenderá que, quando aos mares da Polinésia chegar o «selo» da civilização ou a civilização da «estampilha», também as dificuldades serão grandes — na escolha. Todavia, Lotus Long, que veremos no último destes filmes, se ainda for viva, mesmo velha, merecerá a escolha.

O continente negro, se precisar, opta por Josephine Baker. E, no caso da fúria filatélico-cinéfila chegar às regiões geladas dos polos, a intérprete de «Esquimós» não oferece dúvidas a «alguém»...

Voltando de novo aos países já «selados», não podemos esquecer a Polónia, a sofredora, a triste e trágica dos nocturnos de Chopin, que no olhar magoado da Pola Negri encontraria toda a sua alma.

A Espanha teria em Argentina uma boa representante, símbolo de todas as vibrações da raça, de todos os ritmos que Granados e Albeniz eternizaram.

Quanto ao México, bastava que às chancelarias diplomáticas, à S. D. N. chegasse a primeira correspondência estampilhada com a Lupe Velez, ou com a sedutora e voluptuosa Dolores del Rio, para que, imediatamente, o colocassem entre as primeiras potências mundiais. E creio que não arrisco muito se disser que até haveria sessões de baixo dos acordes trágicos da «Ramona».

Aliás, é o que aquilo tudo está a pedir. Finalmente, em Portugal, temos que arranjar cinema para arranjarmos «estrélas», e, depois, escolhermos a melhor, para nossa representante filatélica.

No momento presente, com esta má-língua que me caracteriza, só encontro uma capaz: é a Maria Margarida Dina Beatriz Tereza Paula de Eça Castelar da Costa...

FERNANDO GARCIA.

barbas, e, no lugar dêles, pôr astros do cinema.

Que dizem? Depois é que era ouvir, nas tabacarias, onde se vendem selos — julgo que ainda há disso — os clientes a reclamar:

— Dê-me um selo de cruzado. Mas não quero Mãe West nem Jean Harlow, porque a carta é para a sogra. É coisa séria.

E uma senhora supersticiosa: — Não venda com a Marlène, porque as mulheres fatais fazem extravaiar a correspondência.

Evidentemente, a ideia tem, pelo menos, um gravíssimo defeito: é ver actores de tão «bons sentimentos» artísticos estampados naquelas famigeradas e arrepiantes côres, de papelinhos para embrulhar caramelos de frutas, usadas nos selos postais. Mas também tinha a conveniência de obrigar os cinéfilos a dispendir mais uns escudos na compra dos alburns para colecções, e, evidentemente, eram os jornais de cinema que deviam ficar encarregados de editar essas preciosidades.

Estou até imaginando, dentro da folha respectiva a cada estréla — que o Raúl Fonseca desenharia a capricho — ao lado da lista dos preços e côres em que o selo estivesse editado, umas notas biográficas... anatómicas.

Não devem, porém, ficar esquecidas as dificuldades que todas as rainhas da tela deviam levantar para concederem a sua autorização. E se, para algumas, o caso era apenas questão de cheque, para outras, seria mais difícil.

EMBORA o leitor — julgo eu — não tenha nada com isso, devo dizer-lhe que há dois tipos fundamentais de filatelistas: as crianças e os caturras.

Do primeiro grupo, quasi todos nós, já pertencemos. Todos, com efeito, trocámos selos, comprámos selos, em preciosos envelopes nas montras das tabacarias, vendemos selos, colámos e descolámos selos na frenética actividade de coleccionadores, que era, afinal, o atractivo da paixão.

Com a idade, muda-se a paixão para outros «atractivos», ou, se quiserem, mudam-se os «atractivos» para outra paixão. E os selos, pouco a pouco, ou até de repente, porque há amores mais violentos que o terramoto de 1755, os selos das mil côres e mais uma — geralmente todas soltoas — vão ficando esquecidos, espalhados nas gavetas ou apodrecem dentro dos alburns.

Há outros coleccionadores, muito poucos, que persistem, e são os caturras: não interessam.

Eu julgo, porém, que existe um sistema infalível de criar nova categoria de filatelistas, sem dúvida, a mais numerosa: — basta fazer os selos cinéfilos.

Basta substituir todas aquelas veras efígies de reis e presidentes, com mais ou menos



HOLLYWOOD PROCURA O HOMEM IDEAL

AS feições dum Adonis nunca garantiram a um actor o êxito, no cinema. Um corpo bem proporcionado, o ar másculo, um talento original são condições muito mais importantes do que um perfil grego.

Esta declaração de Cecil B. de Mille, o conhecido realizador, serve de pré-fácio a um concurso organizado por um jornal de Hollywood para determinar as características a que deve obedecer o *Homem ideal*.

O júri foi inteligentemente constituído por sete personalidades em destaque na indústria cinematográfica: Cecil B. de Mille, Samuel Goldwyn, produtor; Walter Wanger, produtor; Mitchell Leisen, realizador; Max Factor, criador de produtos de beleza; Jack Dawn, chefe caracterizador; e finalmente Ern Westmore, chefe caracterizador. Eis os respectivos «verdictuns».

CECIL B. DE MILLE

Cabeça: JOEL MAC CREA. — Não só pela sua forma e pelas suas proporções, como ainda pelo seu «ar».

Olhos: RONALD COLMAN. — São fascinantes e inteligentes e, ao mesmo tempo, cheios de humor e dignidade.

Nariz: JOHN BARRYMORE. — Porque continua a ser o mais belo perfil que conheço.

Boca: LESLIE HOWARD. — Sabe exprimir nas justas proporções a sensibilidade e a sensualidade.

Mãos: CHARLIE CHAPLIN. — São poderosas e expressivas.

Voz: ARTHUR HOHE. — É a mais musical do cinema.

Corpo: BUSTER CRABBE. — Admiravelmente proporcionado e bem musculado.

Personalidade: RONALD COLMAN. — É um conjunto perfeito de simpatia, dignidade, humor e distinção.

Beleza máscula: CLARK GABLE. — É o tipo do herói moderno. Doçura e brutalidade. Físico agradável.

SAMUEL GOLDWYN

Cabeça: CLARK GABLE. — Crâneo bem proporcionado e um lindíssimo cabelo castanho.

Olhos: CHARLES BOYER. — Olhos negros perfeitamente situados na face,

com um olhar nobre e expressivo, revelando inteligência e sensibilidade.

Nariz: FRANK SHELDON. — Perfeitamente delineado, réplica fiel do ideal grego.

Boca: GARY COOPER. — Delicadamente modelada e altamente expressiva.

Mãos: LESLIE HOWARD. — Assombrosamente expressivas.

Voz: HERBERT MARSHALL. — Lindamente modulada, agradável ao ouvido. Dicção perfeita.

Figura: JOEL MAC CREA. — Corpo maravilhosamente proporcionado e com uma musculatura notável.

Personalidade: EDDIE CANTOR. — O mais notável expoente da personalidade, no palco e na tela, no decorrer destes últimos anos.

Beleza máscula: EDWARD ARNOLD. — É o mais másculo dos artistas da tela.

WALTER WANGER

Cabeça: RONALD COLMAN. — A cabeça é bem proporcionada e está sempre bem penteada.

Olhos: CHARLES BOYER. — Por causa da sua habilidade em exprimir a emoção, apenas com os seus olhos, e ainda pela sua cabeça de intelectual.

Nariz: ROBERT TAYLOR. — Bem delineado e de proporções ideais.

Boca: HENRY FONDA. — Tem um sorriso calivante. A sua boca define a firmeza de carácter. Tem dentes alvos e correctos.

Mãos: LESLIE HOWARD. — São bem desenhadas e ele sabe utilizá-las com inteligência.

Voz: HERBERT MARSHALL. — Porque é grave e vibrante.

Corpo: ERROLL FLYNN. — Porque alia à beleza puramente plástica a das atitudes e a do andar.

Personalidade: ROBERT MONTGOMERY. — Porque sabe tão bem ser cínico como sentimental. Jogo discreto.

Beleza máscula: CLARK GABLE. — Porque dá sempre a impressão de se poder pôr a salvo de todas as atrapalhadas.

MITCHELL LEISEN

Cabeça: ROBERT TAYLOR. — Bem construída.

Olhos: GARY COOPER. — Claros, profundos, rasgados. Sobrancelhas bem desenhadas. Fronte nobre.

Nariz: BRIAN AHERNE. — A pura expressão do ideal grego.

Boca: CLARK GABLE. — Grande, generosa. Lábios bem delineados. Um sorriso aberto que descobre os dentes fortes e sãos. É o seu mais seguro elemento de sucesso.

Mãos: FRED MACMURRAY. — Dedos longos e afilados.

Voz: RONALD COLMAN. — Bem timbrada, grave, profunda e vibrante.

Corpo: GEORGE BENNET. — Bem construído. Ombros largos, ancas pequenas. Anda com graciosidade e elegância.

Personalidade: FRED ASTAIRE. — Sem nenhuma pretensão de ser belo, consegue, graças à sua alegria, ao seu humor, e àquilo que se designa por «charmes», ser tão simpático como se fosse belo.

Beleza máscula: JOEL MAC CREA. — Corpo de desportista. Respira saúde por todos os poros. É o tipo do homem criado ao ar livre.

MAX FACTOR

Cabeça: ROBERT TAYLOR (cf Mitchell Leisen).

Olhos: ROBERT MONTGOMERY. — Muito expressivos. Um «chão» de malícia.

Nariz: FREDERICH MARCH. — Absolutamente grego.

Boca: FRED ASTAIRE. — Maravilhosamente expressiva. Sorriso encantador. Dentes perfeitos.

Mãos: BASIL RATHBONE. — Mãos de artista, expressivas e másculas.

Voz: WILLIAM POWELL. — Tipicamente masculina. Dicção perfeita.

Corpo: BUSTER CRABBE (cf Cecil B. de Mille).

Personalidade: LESLIE HOWARD. — É o tipo perfeito do «gentleman».

Beleza máscula: CLARK GABLE. — (Cf. os outros).

JACK DAWN

Cabeça: CLARK GABLE. — Porque revela, na sua estrutura, as mais nobres qualidades do homem.

Olhos: CLARK GABLE. — Porque reflectem inteligência e humor.

Nariz: ROBERT TAYLOR. — (Cf. Walter Wanger).

Boca: RONALD COLMAN. — Porque «diz» como ninguém.

Mãos: WILLIAM POWELL. — Mãos de artista, que, pelo seu tamanho, revelam um apurado senso prático.

Corpo: CLARK GABLE. — Desenvolvimento desportivo. A sua maneira de

andar denota vontade, força e coragem.

Personalidade: ERROLL FLYNN. — O mais notável dos actores, depois de Valentino e de John Gilbert.

Beleza máscula: VICTOR MAC LAGLEN. — O seu desempenho no *Demian* prova-a.

ERN WESTMORE

Cabeça: FREDERICH MARCH. — Beleza e força. Um modelo perfeito para um escultor.

Olhos: RONALD COLMAN. — Muito expressivos. São 90 por cento do seu êxito.

Nariz: JOHN BARRYMORE. — (Cf. Cecil B. de Mille).

Boca: CHARLES BOYER. — Forma e sensibilidade.

Mãos: CHARLIE CHAPLIN. — (Cf. Cecil B. de Mille).

Voz: LESLIE HOWARD. — Timbre e dicção perfeitas.

Corpo: NELSON EDDY. — Proporções ideais.

Personalidade: LEO CARRILLO. — Dimana bondade e gentileza e tem o segredo de chamar sobre si as atenções gerais, sem pronunciar uma palavra.

Beleza máscula: PAUL MUNI. — É absoluto.

Resultados gerais

Cabeça: Clark Gable e Robert Taylor: 2 votos cada.

Olhos: Ronald Colman e Charles Boyer: 2 votos cada.

Nariz: John Barrymore e Robert Taylor: 2 votos cada.

Boca: Ronald Colman, Gary Cooper, Leslie Howard, Clark Gable, Charles Boyer, Fred Astaire e Henry Fonda: 1 voto cada.

Mãos: Charlie Chaplin e Leslie Howard: 2 votos cada.

Voz: Herbert Marshall e Ronald Colman: 2 votos cada.

Corpo: Buster Crabbe: 2 votos.

Beleza máscula: Clark Gable, 3 votos.

Personalidade: Erroll Flynn, Eddie Cantor, Ronald Colman, Fred Astaire, Leo Carrillo, Robert Montgomery e Leslie Howard: 1 voto cada.

E agora as leitoras dirão de sua justiça, embora ela possa ser, por vezes, um pouco apaixonada, sabido que não poderão esquecer os seus ídolos, neste difícil pleito...



June Knight dança ao som duma melodia cubana, uma rumba desenfreada!

O cinema deu-nos a conhecer já uma extensa galeria de heroínas e galãs.

Dos filmes que nos são apresentados, noveuta por cento, sem exagêro, falam de Amor.

Esta marcada preferência explica-se pela humanidade, que o mesmo é dizer universalismo, do tema escolhido.

O verbo amar, em todos os tempos, tem sido o mais conjugado à face da terra.

Não admira, pois, que seja excelente o acolhimento dispensado aos filmes amorosos pelo público em geral. Se bem que o homem aprecie também ver tratadas certas questões sociais e se distraia com os ensinamentos que os documentários amavelmente ministram. Já a mulher, por natureza própria e talvez pela qualidade da instrução recebida, sofre com pouca paciência que se aborde assuntos que lhe parecem áridos em demasia...

A escolha dos intérpretes dum filme que trate das acções e reacções de dois corações em face um do outro, obedece a dois requisitos: primeiro, que eles sejam artistas e, depois, que possuam um físico que justifique a paixão desencadeada.

É sabido que o amor se alberga no coração de todas as criaturas sem diferenciação de classes, de gostos ou de plásticas. Esta mania de gostar de alguém, como se canta no samba, ataca o rei e o palácio civico, o poeta e o castrão. E, também, o Adónis e o ruquítico.

Mas o público dificilmente aceitará ver um homem ardentemente enamorado por uma mulher que não tem ponta por onde se lhe pegue, ou uma mulher por um homem insignificante de todo. É instinto de justiça, muito embora na vida real as coisas não se passem precisamente assim.

Houve que encontrar, pois, os tipos masculino e feminino que satisfizessem ao maior número possível de espectadores.

E os galãs cinicos ou leais, e as heroínas, ingénuas ou «vamps», passaram a tomar o carácter de simbolo, de expoentes máximos, asés da sedução amorosa.

Em pleno século XX, Tenório e Casanova apareciam como sombras dum passado longinquo, figurinos que de há muito haviam passado de moda.

O assalto ao balcão da donzela. Esta calada da noite, era um caso de policia, demasiadamente fácil...

Os dodges modernos eram mais sazes, e as respectivas espósas menos românticas.

O carnaval emigrára para o Rio e tomára feição mais primitiva e menos ardiosa.

Os duetos, os venêus escondidos em amês, os ulgopões traçoieiros, os raptos — haviam passado à categoria de folhetim barato, de figuração de museu.

Tão pouco satisfazia ao paladar de hoje o herói do século XIX, o mancebo de farlo bigode e olhos sonhadores ou a menina que cantava versos à lua ao som dum piano mais ou menos afinado.

Foi então que nasceu o «It» e o «Sex-appeal»...

Verdade seja que antes de nascer o «It» já êle existia: só o nome era novo. E logo agradou pela simplicidade: duas letras apenas, com um largo significado.

A senhora que dizia: — F.., tem cão — traduzindo horrivelmente a frase «avoir du chien», referia-se ao «It» sem dar por tal. E aquele muito simples «quê», que todos têm e que marca a final a personalidade íntima, talvez seja a tradução mais feliz da palavra inglesa.

Quem consagrou definitivamente o termo foi a Clara Bow, cuja prematura morte cinematográfica foi muito justamente sentida pelos seus inúmeros admiradores.

Mas, toda a gente tem um «It», mais ou menos pronunciado. o «sex-appeal» é prenda de que nem todos se podem gabar...

Há quem seja, porém, de opinião contrária e pense que os mais pequenos uchos da nossa vida quotidiana são informados pelo famoso «sex-appeal».

Uma revista brasileira generalizou o sentido da expressão ao ponto de afirmar que quando um homem entra numa barbearia não escolhe indiferentemente quem lhe cortará o cabelo, antes guiado por um «sex-appeal» intuitivo, preferirá um determinado empregado. Confessemos que a afirmação é arrojada e que a trouxemos para aqui por curiosidade e não por a perfilharmos.

Mas o que vem à ser afinal o «sex-appeal»?

Imaginem uma rapariga de vinte annos, de linhas correctas, pele de seda, olhos aveludados, boca de anúncio de pasta dentrificca, voz de sereia, mãos de patricia e pés conforme o gosto de cada um...

Já imaginaram Agora, se não sabem ainda o que é «sex-appeal», desistam, porque jámois saberão...

O que não quer dizer que para ter «sex-appeal» seja indispensável ter vinte annos, linhas correctas, pele de seda, etc., etc. Não sei se me faça comprehender...

DANIÈLE

acaso, alguns nomes de grandes talentos do cinema francês e alemão: Jean Murat, Gustav Frolich, Brigitte Helm, Willy Fricht, Anny Oondra, Florelle, Armand Bernard, Harry Baur, Marta Eggerth, etc.; e a publicarmos a biografia da insinuante Danièle Parola, gentil francesainha que o nosso público tanto admira.

Danièle Parola, vem, a propósito, para lembrar aos nossos leitores — e leitoras — que não é só na América que há raparigas bonitas e inteligentes.

* * *

Danièle Parola completou no dia 27 de Março deste ano, 25 primaveras ri-

sonhas e felizes. Uma pequena tão linda e tão simpática não é merecedora de desgostos, a-pesar-de às vezes o destino ser caprichoso...

Danièle, é duma beleza fina, aristocrática: cabelo loiro, olhos azuis, gaiteiros, tez duma brancura invejável, figura interessante de mulher (1^m,63 de altura), veste com muito gosto, etc. Houve já quem lhe chamasse «um poema de amor».

Filha dum italiano e duma francesa, nasceu em Paris, onde aprendeu as primeiras letras num colégio particular. Depois em Brusons-Forge deu entrada, como pensionista, num convento de religiosas — garantimos a veracidade do facto; parece impossível, mas é verdade, assim*no-lo afirmam — onde completou a sua educação. Ela, uma pequena nova, cheia de vida, de alegria, encerrada num convento, sem distrações, sem essa série enorme de paródias que tanto preocupam as «mamãs», pensava bastante no seu futuro. Via que só lhe restavam dois caminhos: conformar-se ou gritar bem alto a sua juventude. Este último seduzia-a em parte. O pior era o resto. Não se resignando com a sua pacata vida, os dias tornar-se-iam horríveis, negros, daqueles que supomos terem 50 ou 100 horas; ao passo que conformando-se com a sua sorte, poderia adquirir uma cultura razoável e ter mais tarde um futuro brilhante.

Aos quinze, abandona o convento, tendo vontade de ser alguma coisa mais do que uma prendada menina. Resolve dedicar-se ao palco e consegue estrear-se no «Teatro Alberto 1^o» na célebre peça *Paulo e Virginia*, fazendo em seguida, ainda na comédia, *Um milhão na mão duma criança*.

Dois anos depois, o famoso humorista Rip mostra desejos de a contratar para uma das suas revistas. Chegaram a um acôrdo e Danièle faz a sua aparição no «Palais Royal». Daí passou para o «Teatro Fêmina» e «Capucines», nunca lhe tendo o público regateado aplausos. A sua carreira artística não podia caninhar methor. A sorte sorria-lhe. Um dia o amor bateu-lhe à porta, e as setas de Cupido vararam-lhe o coração. Casou. O marido, homem de velhos princípios, retirou-a do teatro. Danièle viu-se obrigada a desprezar a arte de que ela tanto gostava, para se dedicar, exclusivamente, ao seu «consorte». A vida no lar começava a aborrecendo. Não era para aquela «sensaboria» que Danièle nascera. Encontrava-se numa situação desesperada. Não tinha coragem, nem vontade, de renunciar à profissão

(Conclui na pág. 15)

PAROLA



NEM só a América possui artistas de categoria e filmes de grande cotação mundial. A Europa, também, os possui. Seria até interessante avaliarem-se as duas fontes de produção e estabelecer, entre elas, um simples confronto. A-pesar-de ultimamente nalguns países europeus — e isso derivado, apenas, a regimens políticos — se ter descuidado um pouco a produção nacional, ainda na época passada nos apresentaram algumas boas fitas. Isto no que diz respeito a realizações, porque na parte interpretativa nada ficam devendo aos mais famosos artistas de Hollywood. Se é certo que os americanos nos podem mostrar «ases» dos seus formidáveis estúdios, não é menos verdadeiro que nós, europeus, lhe poderemos citar «estrélas» de primeira grandeza do nosso firmamento cinematográfico, que em qualquer lado fariam boa figura. Charles Boyer, por exemplo, é um actor puramente francês, e, todavia, disputado por diversas firmas de estúdios americanos.

Concordamos, neste determinado ponto, que a América reúne as maiores «vedetas» da tela, o que não nos surpreende, dada a facilidade com que ela pode pagar aos artistas, recrutados por esse mundo fora. O assunto é vastíssimo e o espaço de que dispomos neste número não nos permite entrar em detalhes, nem desenvolvê-lo como ele merece. Limitamo-nos, portanto, a citar, ao

RONALD COLMAN

chard Barthelmess, William Powell e Warner Baxter. Como são quatro, chamam-lhes os três mosqueteiros. É uma amizade que dura há muitos anos. Hollywood habituou-se já a olhar, com naturalidade, para esta exceção.

Ronald Colman também tem amigas. Mas, com elas, as amizades não duram tanto. Ele é o mais fino, o mais encantador dos homens. A sua cortezia «rafinada» parece pertencer a outras épocas, aos tempos cerimoniais da rainha Vitória. Quem foram aquelas que ele cobriu de rosas e de frases de amor? De Constance Talmadge a Loretta Young, a lista é longa, mesmo citando, apenas, as mais importantes: Lois Wilson, Evelyn Lye, e a malograda Thelma Todd, que há alguns meses apareceu misteriosa e tragicamente morta.

Nenhuma destas mulheres foi capaz de o arrastar à igreja?

Não.

Porque Ronald Colman é casado.

Desde 18 de Setembro de 1920.

Quando chegou a Nova York, em 1921, tinha, por única fortuna, 57 dólares, 3 camisas e duas cartas de apresentação, para os grandes produtores de Hollywood. Gastou os dólares e estragou as camisas — antes de obter resposta às suas cartas.

Colman, nascido na opulência e pobre aos dezasseis anos (seu pai morreu deixando dívidas sobre dívidas era um escossês, teimoso e pouco afável, habituado a levar «a sua» à frente. Hoje, porém, não o conseguem fazer rir com os

habituais gracejos sobre a tradicional avareza escossesa.

— Aprendi demasiadamente a conhecer o valor dum dólar, para trocar daqueles que sabem economizar um penny.

Conseguiu, finalmente, um pequeno papel em *A Ternura*, com Ruth Chatterton, e, mais tarde, foi contratado por Sam Goldwyn, o famoso fabricante de estrélas.

O seu primeiro papel (em Outubro de 1922) foi breve e sem brilho. Na edição definitiva do filme, eliminaram-no...

Colman (era então um rapazinho, com uma cabeleira, negra, revolta, uma cara sem interesse e sem bigode...) teve dúvidas sobre a sua iotogenia e renunciou ao cinema.

Mas Goldwyn, dois meses mais tarde, lembrou-se dele, quando pensou em filmar *A Irmã Branca*, com Lilian Gish. Nem Valentino, nem António Moreno estavam livres então. Audacioso, como sempre foi, Goldwyn arriscou a sorte com o recém-vindo.

Resultado: uma longa série de filmes entre os quais se contam alguns dos maiores êxitos do mudo: *O Leque de Lady Margarida*, *Beau Geste*, *O Anjo das Trevas*. Mais tarde: *Arrousmilh* e *Bulldog Drummond*, que entre nós se exibiu com o incharacterístico título de *Nevoeiro em Londres*, etc., etc.

A estrela de Colman não empalideceu depois de tantos anos e outras vedetas nasceram sem empanar o seu brilho, sem destruir a sua personalidade.

Foi nos filmes de Colman que se revelaram, entre outros, William Powell, Richard Barthelmess, Vilme Banky, Joan Bennett, Helen Hayes, Gary Cooper e Ann Harding.

Como se vê, foi uma espécie de «porte-bonheur».

* * *

Ele? Era feliz?

Claro. A felicidade dum alegre eremita. Solitário e livre. Independente para gozar férias quando queria e satisfazer a sua única e duradoura paixão: viajar. No seu automóvel, desliza, sozinho, pelas estradas dos U. S. A. De vez em quando, embarca. Podemos encontrá-lo em França, nas Bermudas, na China... Em 1932, durante o conflito sino-japonês, visitou o Celeste Império, e percorreu, com Barthelmess, a Manchúria ensanguentada.

É a mulher? — perguntareis vós?

Chama-se Thelma Ray Colman. Desposou-a em Londres. Ela era uma artista relativamente apreciada em Shaftsbury Avenue. Ele, um obscuro estrepante.

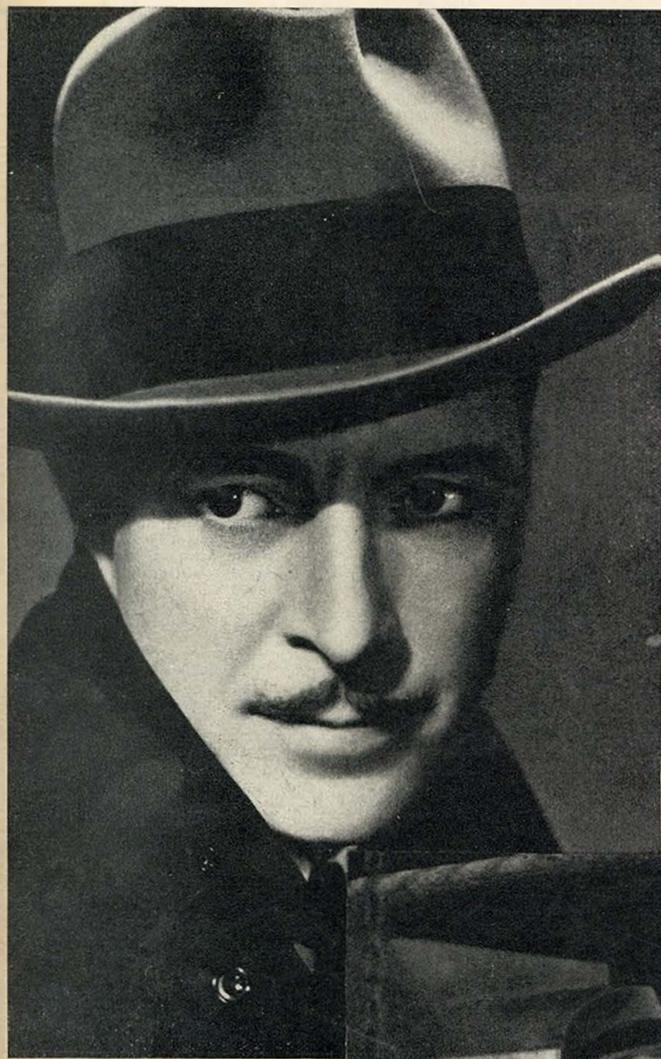
Viveram quatro tempestuosos anos. Separaram-se em Florença, em Março de 1924, depois duma questão mais azeda.

Desde então, nunca mais se voltaram a falar.

Há anos, Madame Colman desembarcou em Hollywood, movimentou jornalistas e advogados, para provocar um escândalo. Ronald negou-se a atendê-la, a não ser por intermédio dum advogado. Esperava-se um divórcio retumbante. Mas um belo dia, Thelma Colman desapareceu, enriquecida com uma magnífica pensão alimentar. Nunca mais a viram.

* * *

Gosto dele assim, Solitário, concentrado — diferente de todos os outros. Com a sua amável cortezia, a sua lealdade e dedicação, o seu olhar terno e a sua ironia mordaz — tão parecido, ao mesmo tempo, com *Raffles*, o galano dos pobres, e com o *Marquês de S. Evremond*, o herói de *«Duas Cidades»*, que morreu na guilhotina, para salvar o homem amado, da mulher que amara!...



UMA cara grave, olhos tristes, mas um sorriso trocista, às vezes até insolente. Uma cara onde vimos cavarem-se as primeiras rugas, ao mesmo tempo que se tornavam prata alguns cabelos. Uma cara familiar. Uma cara que nos lembramos de ver há muitos anos. Foi o galã que alvoraçou os corações de muitas raparigas e hoje continua a ser um homem por quem elas se interessam. Ronald Colman soube defender-se, não resta dúvida.

Há mais de quinze anos que se dedica a representar papéis «de homens com quem as raparigas sonham». E não foram só as românticas meninas das escolas ou as *Bovary* do Novo ou do Velho Continente que sonharam com ele. As mais célebres, as mais famosas vedetas, as que os milionários disputam, disputaram entre si, noutros tempos, Ronald Colman.

Era o mais simpático, o mais sedutor, o mais apetecido dos «bons partidos» de Hollywood.

Não tinha mais que escolher, na mais rica coleção de belezas que existe no mundo. Qual escolheria?

Não escolheu nenhuma.

* * *

Vive só.

Numa casa onde reina um conforto, sério e simples, um verdadeiro conforto masculino. Sob o mesmo tecto, um secretário, um cozinheiro, um jardineiro, e um «groom». Nem uma mulher, no pessoal doméstico.

Tem amigos, grandes amigos: Ri-

EM vias de conclusão se encontra a nossa inicialiva. Os resultados que colhemos, e que atestam insuperavelmente o requinte artístico dos nossos artistas de teatro, são deveras interessantes e incidem, na realidade, sobre as melhores produções produzidas apresentadas na época que findou.

O filme de Georges Cukor, essa maravilha cinematográfica que são «As 4 irmãs» alcançou um êxito que o consagra em absoluto.

«Parada Maravilhosa» segue-o de perto. Num o expoente máximo do diuânismo, da alegria, da paixão pela vida, do culto pela beleza...

Noutro, o cinema suave e belo, sem rodriuguinhos nem cenários fanstosos, o cinema adequado à vida e traduzindo em imagens cheias de serenidade, a existência, ora feliz ora atribulada, dum tar onde se canta e onde se chora...

Mas o inquirido de «Cine-Jornal» ainda não terminou.

Escutemos, por conseguinte,

Virginia Soller

Entremos no Parque Mayer. Assim se torna necessário para que atinjamos o teatrinho onde actua a talentosa Virginia Soller.

O cenário com que deparamos é triste, para não dizermos miserável.

Não somos «habitués» do tal Parque Mayer — El Dorado dos ingénios provincianos que veem à capital.

Creiam, que sempre que lá entramos, não podemos deixar de lastimar o deambular fúnebre do burguista lisboeta, por aquele local retrógalo e anti-civilizado, que é conhecido pelo pomposo nome de Parque de Atrações.

Pobre Lisboa, que, na tua apregoada civilização, nem ao menos possuis um local onde o povo se divirta, cante e ria...

E tu, leitor amigo, se quiseres esquecer as misérias, vai, sim, vai ao Parque Mayer, pois talvez a solitária barraca

Qual foi o Filme de

E dispostos a arrancar o depoimento de Stichini, não descansámos um momento, procurando-a, num vá-vém contínuo, até a encontrarmos ao dispor de *Cine-Jornal*.

A vida duma artista é sempre agitada, e as horas fogem no rodopio do tempo, acelerando o andamento da vida.

Valeu-nos o acelerarmos os nossos movimentos ao máximo.

Lográmos, enfim apanhar Ilda Stichini e escutar a sua opinião, entre dois sorrisos de acolhedora simpatia.

Os seus actores predilectos são: Charles Boyer, Fernand Bravay e Charlot.

Os filmes que mais a sensibilizaram, foram: *As 4 Irmãs*, *Kermesse Heróica* e *Mascarada*.

Não deixamos de notar que Chaplin regista o seu primeiro voto, no decorrer deste inquirido. A filosofia profunda do maravilhoso astro-ínglês, não sugestiona grandemente as portuguesas.

um lugar muito especial. As 4 irmãs e O último escravo ganharam foros de bom cinema.

— E quanto a artistas?

— Antes que qualquer outro, o génio da arte, o artista a quem devo as emoções sublimes, Charlot.

E como bons actores, não deixo seguramente de notar, Charles Laughton e Harry Baur.

Aida Ultz

A última vez que tivemos ocasião de a ver em cena, foi no «Garota da Sorte» ao lado de Beatriz Costa, desempenhando um papel sóbrio e interessante.

A sua figura distinta prendeu-nos a atenção e não deixámos de reparar na sua maneira inteligente de encarar o público e prendê-lo com a suavidade das suas palavras.

E há poucos dias, aproveitando uma oportunidade que se nos ofereceu, in-



Lucília Simões

De novo nos encontramos no Politeama.

Embora há já alguns dias estivesse aprazado o encontro com a sublime actriz do teatro nacional, a sua actuação em *Xangai* pouco tempo lhe deixa disponível para atender assuntos jornalísticos.

Concludo, a sua simpatia para com a nossa revista, leva-a a suspender por momentos a sua actividade, para nos receber.

Num camarim elegante, que... denota o gosto apurado de Lucília, escutamos as suas palavras quentes, entusiastas, por uma arte que ela admira, que a fez viver momentos inesquecíveis de fortes ensações. E Lucília Simões, aponta-nos com inteligência o que viu e o que a apaixonou.

O pão nosso de cada dia, merecê-lhe

quirimos de Aida Ultz a sua opinião para o inquirido que corre.

Aida, e uma rapariga que adora o cinema, e que, como outras tantas, também tem um sonho na vida. Viver alguns dias na atmosfera do estúdio, trabalhando para a câmara com toda a sua alma de boa artista.

Ouçamos a sua escolha sobre os três filmes que mais a sensibilizaram: *A mulher que no. perde*, *o Sultão Vermelho* e *Os lanceros da Índia*, tiveram a sua preferência.

— E os artistas que mais a emocionaram?

— A *Parada Maravilhosa* revelou-me um actor que fiquei admirando:

Robert Taylor. Dos veteranos Warner Baxter e Clark Gable impõem-se.

Alves da Costa

Desnecessita de apresentação. Os rapazes cinesitas conhecem-no bem. A sua actuação nos primeiros filmes ltuados em português, gravaram o seu nome na história do cinema em Portugal.

Trabalhando ao lado de Ilda Stichini, Alves da Costa alcançaram-se a um lugar de destaque dentro do nosso teatro. Tinha, pois todo o direito a encontrar-se entre as figuras mais consagradas que têm falado a *Cine-Jornal*.

Em plena Baixa, recolhemos seu depoimento.

E, enquanto, num gesto plebeu, desabotoámos o colarinho pela oitava vez, maldizendo o calor, mas recebendo o frio, Alves da Costa, diz-nos quais os filmes de que mais gostou na época última: *Kermesse Heróica*, *As 4 Irmãs* e *Mascarada*, sensibilizaram-no em extremo.

— E que artistas prefere?

— Em primeiro lugar essa rapariga extraordinária que se chama Katherine Hepburn... Uma actriz maravilhosa, com garra, que sabe o que faz e o que quer. Depois dela, admiro Claudette Colbert e Jane Winters.

de lro, ou o original passatempo de deitares por terra, com 3 bolas de trapos, cinco latas em pilha, sejam o suficiente para excitar a tua sensibilidade folgasa.

Se esses pitorescos e engraçados entretenimentos, ainda, mais melancólico te deixaram, então, meu velho, poderás escolher o caldo verde, o moderno Pavilhão da Favorita ou... a porta da saída.

Queres um conselho: Escolhe a última, e manda para o Diabo os 1350 da entrada.

Os leitores que nos perdõem estes considerandos «à margem do cinema», como diz o Nazaré.

Entremos no Variedades e procuremos Virginia Soller.

Um camarim ao fundo do corredor, dizem-nos ser o seu.

A engraçada «miss» do «Coração de Alfama» já nos espera. Levou mesmo a sua gentileza ao ponto de retardar a sua saída para receber *Cine-Jornal*.

— Sabe do que se trata? perguntámos nós, fazendo o possível por não pregar-mos mais nma vez, o arrazoado de abertura.

— Se, sei... Ou por outro, devo adivinhá-lo. Querem o meu depoimento para o inquirido.

— Exactamente...

— Queira, então, anotar. Dos filmes que vi, dou a minha preferência às *Cruzadas*, *As 4 Irmãs* e *O Último Escravo*. Os meus actores preferidos são Charles Boyer, Clark Gable e...

Virginia Soller, deixou de sorrir. Tomou uma atitude concentrada, e concluiu: — Charles Laughton.

O grande actor inglês, mereceu desta artista uma deferência especial, que registamos com prazer.

Ilda Stichini

Não podia faltar a opinião duma das mais brilhantes figuras da cena portuguesa.

Que mais gostou?



Mireille Perrey

Mireille Perrey, uma artista francesa que tem trabalhado mais tempo em Berlim do que em Paris

CARTA DO PORTO

DAQUI a dois meses deve inaugurar-se nesta cidade, como em quasi todo o país, a temporada cinematográfica de inverno, a grande *saíson*, para a qual trabalham afanosamente todos os empresários e distribuidores, na mira de apresentar os melhores programas.

É costume também, com a abertura da época, os cinemas oferecerem ao seu público qualquer novidade, no sentido, na louvável intenção, de dar aos espectadores mais um conforto material ou espiritual, a tornar mais atraente os espectáculos.

Muito louvável, assaz simpática, é esta preocupação.

Verificamos, porém, que se os empresários cuidam com todo o carinho da preparação dos seus programas, se, por vezes, põem todo o cuidado nos possíveis melhoramentos das suas casas, se não esquecem de tornar mais aliciante o ambiente em que há-de decorrer os seus espectáculos, lamentavelmente, esquecem-se dum elemento que não lhes deve merecer menor cuidado e carinho — o público.

Cuidam-se com requintados disvelos todos os elementos «interiores», o que é muito justo, necessário e plausível, mas, descuidam-se profundamente do grande elemento «exterior».

É uma deficiência, um crasso erro, que devia ser evitado a todo o transe, pois, é estruturalmente fundamental,

O público precisa de ser inteligente e intensamente preparado, como o são os programas ou os salões cinematográficos.

Geralmente, antes da abertura da temporada, torna-se conhecido o melhor lote dos filmes que cada cinema deve exhibir, uns dias antes os jornais diários anunciam a reabertura dos cinemas que fecharam no verão, ou a solene inauguração da época nos que se conservarem abertos.

Ora isto é pouco, muitíssimo pouco mesmo.

O Porto não tem, actualmente, nenhuma revista ou jornal cinematográfico. Queimavam-se muitas energias, gastou-se muito dinheiro, num apostolado que as empresas nunca souberam compreender nem secundar, a despeito de lódas essas iniciativas terem produzido muito útil trabalho, cujos proveitos, ainda hoje, as empresas estão usufruindo.

Aqueles que viram os seus sacrificios incompreendidos, desistiram, contristados, das suas iniciativas, ante a inércia daqueles para quem mais trabalhavam.

É entramos numa apatia desoladora. Neste caso, como em muitos outros, parar é morrer.

Não se faz, nesta terra, a mais pequena propaganda alienante a trazer mais público para os cinemas. Os actuais «hábitus» são insuficientes para darem vida própria e defogada aos cinemas que existem. No entanto, é ain-

da grande, enorme mesmo, o número dos profanos, a legião daqueles que ainda não compreenderam as múltiplas vantagens do espectáculo cinematográfico e a conseqüente modicidade do seu custo.

Por isso é que é absolutamente necessário que as empresas portuenses, procurem afinadamente aumentar o número de anadores do cinema, criando os seus órgãos da imprensa, secundando as iniciativas daqueles que os criarem, ou indo ao encontro dos que já existem, para que o seu raio de acção seja mais vasto e mais intenso.

Se esta modalidade é das que mais cuidado, atenção e carinho deve merecer aos empresários, outras formas de propaganda há que, igualmente, deviam ser tentadas com todo o interesse, visto que umas são o complemento das outras.

O ideal seria que entre lódas se acordasse num trabalho comum, o que resultaria mais proficuo e menos dispendioso, mas, como isso nos parece pouco viável, pela quasi impossibilidade de se harmonizarem os interesses de todos, pela inevitável e tão portuguesa divergência de opiniões e critérios, ao menos que cada um saiba conseguir o maior número possível de novos adeptos, para dar mais vida, para melhorar as suas condições de existência.

Só assim se poderá aumentar o âmbito da vida cinematográfica portuense, tão susceptível de poder progredir.

Com a apatia que se vem verificando é que a maior, melhor e mais justa ambição dos empresários jamais se tornará em realidade. E se nessa modorra persistirem quando se queixarem de que os seus empreendimentos, os seus esforços, não têm a devida compensação pública, não podem, com justiça, queixar-se senão da sua errada visão, da sua insuficiente identificação com as imperiosas exigências da hora que passa.

O cinema no Palácio

Não temos que modificar uma virgula, sequer, ao que aqui se tem escrito contra a errada e injustificada exploração cinematográfica do Palácio de Cristal.

De resto, a nossa opinião pessoal, não é mais do que o nítido reflexo, a fiel projecção da opinião pública geral que não compreende, que não encontra lógica justificação do que naquele recinto municipal se tem passado.

Sahemos, porém, que, se a sua direcção não tem correspondido à finalidade para que foi criada, no que respecta à organização dos espectáculos, parecendo mesmo que sistematicamente procura contrariá-la, ao mesmo tempo, tomou uma deliberação muito louvável, e que, dentro dum indeclinável espírito de justiça, muito nos apraz registar.

O operador de projecção daquele cinema é um dos mais antigos cinéfilos desta cidade, um dos mais velhos e dos mais persistentes, que ao estudo dos trabalhos de filmagem se tem dedicado com o grande amor, com a acendrada paixão que sempre devotou aos assuntos de cinema.

Conhecendo as grandes possibilidades de Adalberto de Meneses Leitão, o operador em referência, foi o mesmo encarregado da organização e elaboração de alguns filmes curtos, a que procura dar um flagrante sentido de actualidade ou uma acentuada feição cultural.

Esta iniciativa, digna dos maiores incógnitos, não pode, na verdade, ter qualquer cunho comercial, visto que procura archivar, nas líras de celuloide, apenas os assuntos que tenham o grande interesse do momento ou possam constituir proveitosas lições para o público.

Apraz-nos imenso ter de registar este interessantíssimo empenhamento, não só porque ele tem a prévia garantia dos incontestáveis méritos de Adalberto Leitão, que uma teimosa e injustificada modestia tem feilo permanecer num quasi anonimato, mas, também porque ele vem ao encontro dos desejos de todos

os cinéfilos portuenses que vêem nesta atitude, o início do cumprimento do muito que foi prometido.

Pena é que quanto à selecção dos pro a exhibir a direcção do Palácio não se tenha enveredado pelo mais lógico e inteligente caminho.

Porém, como já alguma coisa de útil se procura fazer, estamos certos de que os erros do passado vão ser totalmente evitados, não só para que o Palácio de Cristal cumpra a sua finalidade, como também para que seja obtida a forma de se conseguir aumentar a sua população.

E com isso todos teriamos muito a lucrar, ao mesmo tempo que se daria plena satisfação aos desejos da cidade.

Um orientador de mérito

É indispensável e justo, sobretudo justíssimo, archivar nestas colunas o nome do orientador do cinema Batalha, pela forma criteriosa, inteligente, acertada, como, indo ao encontro das tendências do seu público, organiza, reclama e apresenta os seus espectáculos.

A José Figueiró, figura popularíssima que todo o Porto estima, podemos aplicar a máxima inglesa: «The right man in the right place».

Na semana que terminou, organizou com uma série de variadíssimos espectáculos, a «semana do ecoy-boys» e com ela um curiosíssimo inquérito popular, com o qual se veio a saber qual o artista deste género que os seus espectadores, que o público do Porto, preferem.

Esta maneira de conseguir alrair perenemente o público é uma das muitas modalidades, qual delas a mais curiosa e original, que o activo e inteligente secretário estuda, organiza e realiza, e que lhe permite manter no seu salão um público fiel e sempre satisfeito.

A sua actividade sem limites, a sua paixão pela sua casa e pelo seu público, merecem estas singelas palavras de reconhecimento, não só porque são apenas a expressão clara e irrefutável da mais sã justiça, mas também porque traduzem fielmente a verdade.

José Figueiró há muito que tem jús à pública consagração do seu esforço.

Nós, tributando esta simplicista homenagem ao seu incontestável valor, apenas cumpimos um indeclinável dever.

Mário Ximenes, actor de cinema

Faleceu há dias, nesta cidade, o distinto jornalista Mário Ximenes, um dos mais cintilantes e curiosos temperamentos da nossa geração.

Espirito boémio, que cultivava uma sã e espiritual boémia com aquela superior delicadeza de sensibilidade que irremediavelmente se vai extinguindo aos poucos, o nosso infeliz camarada foi também um poeta originalíssimo, autor teatral de mérito e um caricaturista de valor.

Um dia, convidado por Pedro Santos, «regisseur» da Invicta Film, Mário Ximenes foi também actor de cinema.

Filmava-se uma cena de Tribunal para a película «A Tormenta». Ximenes, se a memória não nos traíçoes, era um dos escrivãos.

Durante lóda a filmagem pareceu rabiscar sempre no «processo», como se fora um atento e solícito funcionário judicial.

Quando o realizador Pallu se dirigiu ao nosso infornado amigo, com aquele sorumbático semblante que nas horas de trabalhos todos lhe conheciamos, rebentou numa retumbante gargalhada, ante o espanto do «Tribunal».

É que o Ximenes, sobre a sua banca de «escrivão» tinha traduzido, durante a filmagem, em felicíssimas e esponlaneas caricaturas, os principais personagens da cena, no número dos quais se encontravam, em engraçados «chargés», o actor António Pinheiro e o próprio encenador.

Terminou só com a sua morte o berene bom humor do queridíssimo Ximenes, o camarada distinto que não conheceu um inimigo.

CARLOS MOREIRA

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 43 — 10 DE AGOSTO DE 1936 — 541 TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA